



COMUNICAÇÃO MADIÁTICA.

ISSN: 2236-8000
v. 19, n. 1, p. 185-206, jan-jun, 2024

O papel do jornalismo local frente à desinformação: análise do portal Campo Grande News no período pandêmico (2020-2023)

El papel del periodismo local frente a la desinformación: análisis del portal Campo Grande News durante el período de pandemia (2020-2023)

The role of local journalism in the face of disinformation: analysis of the Campo Grande News portal during the pandemic period (2020-2023)

Taís TELLAROLI

Professora Doutora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: taistella@hotmail.com

Camila ZANIN

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul (UFMS). E-mail: candradezanin@gmail.com

Enviado em: 03/07/2024

Aceito em: 24/08/2024

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender de que forma o jornalismo local se posiciona frente ao fenômeno da desinformação utilizando a metodologia Análise de conteúdo de textos jornalísticos publicados no portal Campo Grande News, situado no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Foi utilizada a palavra-chave “desinformação” para coletar os textos publicados no portal nos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023, formando um corpus constituído por 183 publicações analisadas, sendo 90 informativos e 93 opinativos. Dentre os resultados encontrados, observou-se que o Campo Grande News atua apurando acontecimentos locais envolvendo desinformação, divulga iniciativas de enfrentamento locais e nacionais, aborda diversas temáticas (saúde, política, educação, cultura, tecnologia) e republica artigos de educação midiática.

Palavras-chave: *Jornalismo local; Desinformação; Campo Grande News*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo se posiciona el periodismo local frente al fenómeno de la desinformación utilizando la metodología Análisis de contenido de textos periodísticos publicados en el portal Campo Grande News, ubicado en el municipio de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Se utilizó la palabra clave “desinformación” para recopilar textos publicados en el portal en los años 2020, 2021, 2022 y 2023, conformando un corpus compuesto por 183 publicaciones analizadas, 90 de las cuales fueron informativas y 93 opinativas. Entre los resultados encontrados, se observó que Campo Grande News trabaja en la investigación de eventos locales que involucran desinformación, difunde iniciativas locales y nacionales para combatirla, aborda diversos temas (salud, política, educación, cultura, tecnología) y republica artículos de educación en medios.

Palabras-clave: *Periodismo local; Desinformación; Noticias de Campo Grande*

ABSTRACT

This article aims to understand how local journalism positions itself in the face of the phenomenon of disinformation using the Content Analysis methodology on texts published in the portal Campo Grande News, located in the municipality of Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The keyword “disinformation” was used to collect texts published on the portal in the years 2020, 2021, 2022 and 2023, forming a corpus consisting of 183 analyzed publications, 90 of which were informative and 93 were opinionated. Among the results found, it was observed that Campo Grande News works to investigate local events involving disinformation, publicizes local and national initiatives to combat it, addresses various topics (health, politics, education, culture, technology) and republishes media education articles.

Keywords: *Local journalism; Disinformation; Campo Grande News*

Introdução

A alta profusão de desinformação no ciberespaço prejudica toda sociedade e contribui para a deslegitimação do jornalismo. Com o cenário pandêmico em 2020 e a intensa polarização política vivida no Brasil, criou-se um campo ainda mais fértil para que conteúdos falsos circulassem abruptamente nas plataformas digitais, incentivando mobilizações antidemocráticas, movimentos antivacina, teorias conspiratórias e negacionismo científico. O jornalismo local está imerso nesse ecossistema e convive com o desafio de lidar com a desinformação, ao mesmo tempo que sofre uma crise de confiança do público em relação à mídia tradicional.

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19¹, emergência de saúde pública e de comunicação, classificando a situação como ‘infodemia’ para indicar o contexto de superabundância de conteúdos, tanto on-line quanto off-line, que dissemina informações falsas para minar a resposta de saúde pública e promover agendas alternativas com interesses particulares.

Durante o período pandêmico, o jornalismo foi considerado atividade essencial no país e no mundo pelos governos. De forma contraditória às necessidades da crise sanitária, o Relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) de 2020 registrou 428 casos de ataques aos profissionais da imprensa, o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019. No ano seguinte, em 2021, o relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), apontou 453 registros de ataques contra comunicadores e meios de comunicação, e em 69% dos casos, a agressão foi provocada por agentes estatais.

Como salientam Del Bianco e Lima (2022), a dificuldade em nível nacional de contestar a desinformação já é um desafio para o jornalismo como um todo, e nos jornais interioranos fora do eixo hegemônico sul-sudeste do país o desafio é ainda maior pela falta de iniciativas e recursos. A ausência de enfrentamento à desinformação no âmbito regional pode abrir espaço para a disseminação de informação falsa no espaço público em nível local.

¹ Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso: 10 out. 2023.

Nessa linha, o relatório da Unesco (2020)² destaca o papel da mídia local em cenários de crise, vista como a melhor fonte quando se trata de assuntos de proximidade. Acrescenta-se à reflexão o elemento da regionalidade pois o artigo visa desvelar a perspectiva do portal de notícias on-line Campo Grande News (CGN) perante à desinformação, visto o caráter interiorano da imprensa campo-grandense (Mato Grosso do Sul).

Este trabalho coloca-se na importância de ações de enfrentamento aos conteúdos falsos para a cidadania e desenvolvimento local, visando contribuir para o debate do jornalismo regional. Nesse sentido, foram formuladas as seguintes perguntas como ponto de partida: Como o termo “desinformação” aparece nos itens jornalísticos publicados no Campo Grande News? Como a desinformação é pautada nesse portal de notícias local?

De acordo com o PROJOR³ (2022), Campo Grande conta com 96 veículos de comunicação dentre emissoras de televisão, jornais impressos, revistas, rádios e jornais online. Desse universo midiático, com abordagem predominantemente qualitativa, os objetos de estudo são os itens jornalísticos veiculados pelo jornal Campo Grande News no período de 2020 a 2023 referentes à temática da desinformação.

O site de notícias Campo Grande News foi criado em 4 de março de 1999, e pertence ao Grupo Capital de Comunicação, fundado pelo empresário Miro Sousa e pelo jornalista Lucimar Couto. Foi o primeiro site noticioso de Mato Grosso do Sul a ocupar a *World Wide Web*, não sendo uma extensão de um jornal impresso. Após publicar as primeiras matérias, veio uma surpresa: foram registradas 20.000 visitas em apenas um mês, e a produção precisou ser ampliada (David, 2022). Atualmente, a estrutura do veículo conta com uma equipe composta por jornalistas, fotógrafos, webmasters, motoristas, publicitários, estagiários e funcionários do setor administrativo. Na busca por atender a demanda dos internautas, o Campo Grande News detém o aplicativo “Campo Grande News Conteúdo de Verdade” que pode ser baixado e acessado pelo celular, além de perfis ativos nas redes sociais Instagram, Facebook e Tik Tok.

O veículo foi escolhido como lócus de análise por sua influência no jornalismo local, constituindo o meio jornalístico mais acessado no contexto sul-mato-grossense. De acordo

² Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por>. Acesso em: 30 jan. 2023.

³ Atlas da Notícia.

com o site de serviços *web analytics Similar Web*⁴, atualmente o número de acessos mensais do Campo Grande News é de 4 milhões.

O objetivo geral do artigo é compreender a perspectiva do jornalismo local de Campo Grande frente ao fenômeno da desinformação. Os objetivos específicos são: verificar as dimensões da produção jornalística com relação à frequência, temáticas, gêneros jornalísticos, uso de fontes, abordagens (local/nacional), enfrentamento e formas de uso do termo “desinformação”.

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem predominantemente qualitativa, na qual utilizou-se o método da análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) com acréscimo da perspectiva de Herscovitz (2007), com adaptações conforme a necessidade.

O levantamento resultou num corpus de 183 itens jornalísticos analisados no Campo Grande News. Deste total, 46 foram veiculadas em 2020, 40 em 2021; 47 em 2022; e 50 em 2023, sendo 90 informativos (87 notícias e 3 enquetes), e 93 opinativos (73 artigos e 20 colunas).

A coleta de dados se deu através de visitas ao banco de dados do portal Campo Grande News e também no campo de busca de pesquisa avançada do Google, utilizando a palavra-chave “desinformação”. Todos os itens que citam a palavra ao menos uma vez foram contabilizados. Após registrar os dados sistemáticos e as análises das primeiras impressões de cada matéria, buscou-se estabelecer os indicadores e dimensões do material analisado (temáticas, uso de fontes, gêneros jornalísticos, enfrentamento e formas de uso do termo).

A partir desta ação foi possível observar formas de uso semelhantes e agrupá-las em categorias de contexto que foram definidas e utilizadas para investigar a forma de uso, ou seja, os contextos de utilização do termo desinformação pelo Campo Grande News. O material resultou em oito agrupamentos: 1) Consequências (aos desinformadores); 2) Divulgação (projetos de enfrentamento); 3) Problemas (gerados pelo fenômeno); 4) Enfrentamento à desinformação; 5) Governo; 6) Jornalismo; 7) Erro de conceito e 8) Ausência de argumentação.

⁴ Disponível em <<https://www.similarweb.com/website/campograndenews.com.br/#overview>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

A capacidade pragmática da desinformação e o impulso dos algoritmos

A história da desinformação tem ligação intrínseca com a política. Prior (2019) destaca que a prática da desinformação é uma estratégia antiga, utilizada nas táticas de guerra e nos conflitos militares para ludibriar o inimigo. Desinformação sempre houve e haverá, o que mudou são os ambientes para sua produção, difusão, contágio e disseminação. A diferença na atualidade reside na sua forma rápida de produção e propagação dessas informações, nos meios e plataformas digitais.

Atualmente, vive-se um momento sustentado na desordem informacional, termo cunhado por Wardle e Derakhshan (2017, p.4), descrito como “poluição informativa em escala global formando uma complexa teia de motivações para criar, disseminar e consumir mensagens sem qualidade que são amplificadas por plataformas e seus algoritmos”. Dentre os fenômenos alienadores que compõem a desordem informacional, a desinformação é a que interessa a este artigo. Conforme Wardle e Derakhshan (2017), trata-se de conteúdos propositadamente falsos, fabricados por empresas especializadas com motivações comerciais, políticas, ideológicas, econômicas ou outras, com intencionalidade evidente de causar dano a alguém, um grupo, uma instituição, ou país, motivada por três fatores distintos: lucrar financeiramente; ter influência política; e causar danos à sociedade.

Conforme Prior (2019, p.86), as práticas de manipulação da palavra e da imagem são recorrentes na sociedade contemporânea e entendidas como “técnicas ocultas do lado do emissor que moldam a informação com vista a despertar determinados efeitos nos receptores da mensagem, mas que são baseadas em pressupostos falsos, procurando manipular, intoxicar ou distrair a opinião pública”. De forma complementar, Da Silva (2021) observa que a produção de efeitos de sentido, quando desencadeada pela disseminação de desinformação em plataformas digitais, pode remeter a um processo de reversão para a produção de efeitos de realidade. Ou seja, conteúdos falsos compartilhados nas redes sociais digitais e aplicativos de mensagens por meio da formatação de texto, imagem e agora vídeos, podem ter impacto e consequências irreversíveis na vida real.

O processo de deslegitimação do jornalismo está no cerne da ascensão de radicalismos ao redor do mundo, afiançado por figuras políticas, acirrando conflitos entre leitores em ações marcadas pela desinformação. Assim, formam-se grupos de militantes “zumbificados” nas plataformas digitais que repassam mensagens enganosas para seus

grupos de afinidade, mas que acreditam serem verídicas. Para além da explosão informacional, a possibilidade de qualquer pessoa produzir e distribuir conteúdo, somado a falta de regulamentação no ambiente digital, cria um senso comum de que é um território “livre” para disseminar mensagens falsas, de forma negligente e intencional (Ripoll e Mattos, 2017).

Nas plataformas digitais, o material falso geralmente explora temas polêmicos e polarizados de forma sensacionalista, cujo conteúdo é compartilhado massivamente em diferentes aplicativos e são os algoritmos quem nos limitando a consumir apenas aquilo que nos agrada, criando bolhas de informação. Segundo Da Empoli (2019), uma bolha envolve a atitude de um indivíduo de se cercar apenas daqueles que pensam de forma igual e compartilham das mesmas ideias, excluindo os que apresentam posições políticas contrárias. Com as redes sociais, o fenômeno das bolhas se intensifica, constituindo um vetor de coesão, visto que ao acreditar e/ou continuar apoiando o candidato mesmo com notícias absurdas e comprovadamente falsas, seu público demonstra a lealdade que tem por esse representante.

Nesse contexto, Ripoll e Morelli (2017, p.3) comparam a desinformação a uma infecção contagiosa: se espalha rapidamente e atinge um grande número de indivíduos, mas pelas redes sociais. “Em uma sociedade onde a velocidade com que mensagens se propagam, saindo de seu contexto original de criação e atingindo em ritmo acelerado em outros suportes, a propagação de discursos manipulados é um fator decisivo na cultura digital”.

Conforme Tücke (2010) os atores envolvidos na propagação de desinformação precisam ser responsabilizados. Trolls (independentes ou contratados), *bots*, sites de *fake news*, teóricos de conspiração, políticos, veículos de mídia altamente partidários e milícias digitais. Este último refere-se a grupos formados por políticos que agem de maneira coordenada nas plataformas digitais, utilizando bots para publicar mensagens falsas em massa, visto que utilizam algoritmos para replicar os conteúdos no ambiente digital, favorecendo o efeito limitador do filtro bolha⁵.

Em conclusão, os modelos de comunicação que compõem esse novo ecossistema são os responsáveis pelo fluxo de informações, mesmo que as bolhas e a polarização sejam

⁵ Conceito utilizado para denominar a ação dos algoritmos como filtros no ambiente virtual, que atuam como motores de previsão que influenciam e direcionam o acesso de conteúdo baseado no perfil e hábitos de consumo do usuário dando a sensação de eficiência na busca de ideias e informações, mas restringindo a maneira com a qual é realizada a pesquisa, ou mesmo, a definição de conteúdo (Pariser, 2011).

anteriores à Internet, essa limitação de espaços e os algoritmos cumprem a função de filtrar e direcionar comportamentos em uma escala maior e mais rápida do que as naturalmente formadas, potencializando fenômenos alienadores como a desinformação. Nesse contexto, as empresas de comunicação vêm lidando com contestações, críticas e represálias de políticos e seus seguidores que deslegitimam o papel da imprensa

O jornalismo local no enfrentamento à desinformação

As mudanças nos modos de veiculação de notícias ocorridas a partir da consolidação da comunicação digital trouxeram à tona questões decorrentes da dificuldade de diferenciar conteúdos verdadeiros ou falsos, trazendo consequências na vida social. Como é possível exercer o direito à cidadania de forma responsável com um celular e redes sociais algorítmicas conectado nas mãos, enquanto os meios de comunicação tradicionais colapsaram, simultaneamente à transferência de responsabilidade informacional aos indivíduos?

Segundo Ireton e Posetti (2019) a desinformação desafia não só a reputação e segurança de jornalistas, mas questiona seus propósitos, método e eficácia, perpetuando sua degradação em detrimento do discurso cívico. Com isso, a sociedade perde um mecanismo de defesa diante das milícias digitais e organizações que investem na propagação de desinformação em alta escala nas plataformas digitais. Nesse contexto, o jornalismo deve não só atuar no enfrentamento à desinformação, mas também na retomada do seu lugar de legitimação como porta-voz das informações relevantes e de qualidade ao interesse público.

Nessa linha, Peruzzo (2005) entende que a característica-chave da mídia local são os vínculos de pertença, o compromisso com o lugar e com a informação de qualidade. Retrata, portanto, a realidade regional ou local, e trabalha a informação de proximidade, promovendo relações de identidade e pertencimento de uma comunidade e de seus indivíduos com o local. Alicerçados por essa definição, questiona-se: como o jornalismo local pode se posicionar e contribuir no enfrentamento à desinformação?

Para tal resposta, utilizou-se como parâmetro de envolvimento da mídia local no enfrentamento à desinformação o relatório da Unesco (2020), que elencou os seguintes pontos: ações de educação midiática; investimento em checagens de fatos e em inovações para produzir informações em formatos mais acessíveis; estabelecer parcerias em investigações relacionadas à desinformação com outras organizações de notícias; intensificar

a transparência sobre suas respostas à desinfodemia; evitar a dependência excessiva da automação de publicações on-line; e, o mais importante, investir na verificação rigorosa de fatos e fontes.

Considerando a importância da mídia local em cenários de crise (Unesco, 2020), contrapor a desordem informacional exige mais do que o sentido de realidade do discurso. O jornalismo profissionalizado, norteado pela ética, promove audiência de debate plural, com métodos transparentes de apuração, e independente de interesses particulares de anunciantes e/ou patrocinadores. Assim, o jornalismo local torna-se instrumento de informação de interesse público, conhecimento, e legitimação de acontecimentos contextualizados para que a população saiba o que acontece ao redor.

Em vista disso, os próximos tópicos desvelam a pesquisa empírica, que buscou compreender a perspectiva do portal de notícias on-line Campo Grande News perante à desinformação, investigando como o tema foi pautado e em quais contextos o termo aparece nos itens jornalísticos publicados pelo portal no período de 2020 a 2023.

A exploração do termo desinformação em quatro anos (2020-2023)

Em 2020, foram localizados 46 itens jornalísticos publicados no portal CGN que contém o termo “desinformação”, sendo 21 notícias, 20 artigos e 5 colunas. As notícias estão distribuídas nas editorias Interior (1), Lado B/Faz bem! (1), Educação e Tecnologia (2), Meio Ambiente (2), Comportamento (2), Cidades (4), Capital (4) e Política (5).

Em 2021, 40 itens jornalísticos foram publicados no portal CGN, sendo 19 notícias, 17 artigos e 4 colunas. As notícias estão distribuídas nas editorias Direto das Ruas (1), Lado B (1), Educação e Tecnologia (2), Comportamento (2), Cidades (4), Capital (4) e Política (4).

Em 2022 foram encontrados 47 itens jornalísticos publicados no portal CGN. Do total, 31 são notícias, 13 são artigos (reproduções de textos redigidos por pesquisadores e especialistas), 1 coluna e 2 enquetes. Política (16), Cidades (7), Educação e Tecnologia (3), Capital (1), Momento Saúde Bucal (1), Comportamento (1), Economia (1), Interior (1).

E em 2023, foram localizados 50 itens jornalísticos publicados no portal CGN. Do total, 21 são notícias, 23 são artigos (reproduções de textos redigidos por pesquisadores e

especialistas), 5 colunas e 1 enquete. As notícias estão distribuídas nas editoriais Cidades (9), Capital (5), Política (4), Educação e Tecnologia (1), Comportamento (1) e Labo B (1).

Análises gerais

Em ampla perspectiva, em 2020 e 2021 os itens jornalísticos desdobram-se principalmente sobre a pandemia de Covid-19. É perceptível a preocupação com a alta circulação de desinformação sobre o tema, em especial referente a vacinação. A política brasileira também aparece de maneira mais notável, relativa às eleições municipais, e com ênfase na desinformação referente a confiabilidade da urna eletrônica.

Em 2022 e 2023, os itens jornalísticos tiveram como agenda midiática central as eleições presidenciais, e a extrema polarização política. Ganhou ênfase a temática da tecnologia, envolvendo o funcionamento e permissividade das plataformas digitais frente a desinformação e os impactos disso nas eleições; a inserção do uso de ferramentas de inteligência artificial no cotidiano popular, como o ChatGPT e a preocupação com *deepfakes*. Outra discussão presente (e pertinente) foram as consequências do movimento antivacina, negacionismo científico e teorias conspiratórias, que se refletiram em matérias que apontam a queda e os baixos números da cobertura vacinal (de todas as vacinas) em todo país, e o ressurgimento de doenças que estavam erradicadas há anos.

Retomando a explicação de Silva (2021) sobre a capacidade da produção de efeitos de sentido em textos, fotos e vídeos tornar-se pragmática, toma-se um exemplo identificado nas matérias jornalísticas: em outubro de 2022, Lula (PT) vence Bolsonaro (PL) nas eleições presidenciais, causando a indignação de apoiadores de Jair Bolsonaro e fomentando narrativas falsas, que acarretaram mobilizações antidemocráticas em frente aos quartéis pedindo “intervenção militar federal”, com vistas a anular o resultado das eleições, que segundo eles (e contrariando o resultado das urnas), teria sido fraudado. Em 2023, iniciou-se com pessoas ainda acampadas em frente aos quartéis do Brasil, culminando na invasão aos prédios dos Três Poderes em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. O consumo frenético de desinformações e incitações com efeitos de sentido negativos sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas nas plataformas digitais, tornou-se pragmático, concretizando tal situação.

Os temas de repercussão mundial envolvendo a desinformação (Covid-19), nacional (eleições presidenciais), e local (acontecimentos da capital e do interior do MS),

demonstraram a pervasividade e elasticidade do termo no jornalismo local. Considera-se ‘pervasivo’ porque, conforme as análises, se espalha e penetra facilmente em diversas temáticas (política, saúde, educação, religião, cultura, tecnologia, cotidiano, esporte) causando caos, prejuízos, insegurança, medo e atrapalhando o desenvolvimento social. E ‘elástico’ porque a análise dos dados indica que a desinformação alcança desde assuntos mundiais e polêmicos como a Covid-19 e as eleições presidenciais no Brasil, ocupando lugar central e complexo nas discussões, até questões e acontecimentos cotidianos e singulares de Campo Grande e do interior de Mato Grosso do Sul

Prior (2019) argumenta que a vulgarização do conceito de *fake news* fragiliza o jornalismo tradicional, visto que a expressão passa a ser utilizada por parte de políticos para desqualificar notícias que não os beneficiam. Com o mesmo raciocínio, foi possível observar um movimento semelhante com o termo desinformação: a incorporação do discurso de enfrentamento à desinformação por propagadores de conteúdos falsos. Políticos, figuras públicas e cidadãos que propagam informações falsas se colocam como vítimas de desinformação, e tendem a desacreditar a mídia tradicional.

Um exemplo de notícia local que retrata tal situação é “Defensor da cloroquina no tratamento da covid, pastor vai parar em CTP” (25/08/2020), na qual o pastor Gladiston Amorim, que à época esteve em suas redes sociais publicamente a favor do uso de hidroxycloquina, acusa a mídia tradicional de ser “alarmista e negacionista quanto ao tratamento precoce”, e diz que falta “combate à desinformação” por parte dos jornais.

Análises específicas – dimensões da produção

Frequência - O jornal CGN apresenta uma constância anual de itens jornalísticos publicados que contém o termo ‘desinformação’, uma média de aproximadamente 45 por ano, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Quantidade de itens jornalísticos publicados no portal Campo Grande News constando o termo desinformação, dividido por ano.

ANO	QUANTIDADE
2020	46
2021	40

2022	47
2023	50

Fonte: Elaboração própria para fins da pesquisa

Das 92 notícias publicadas, cinco eram reproduções da Agência Brasil. Um total de 54 abordam temáticas de âmbito local, 37 nacionais e 1 internacional. Vale pontuar que os artigos e colunas são gêneros textuais que não utilizam fontes ou declarações, portanto não foram contabilizados nessa etapa de análise.

Temáticas – A desinformação foi relacionada principalmente à saúde e a política de âmbito local de Mato Grosso do Sul, em especial da capital pelo portal CGN. Além disso, temas como educação, tecnologia, pesquisa, esporte, cultura, meio ambiente, comportamento, e religião também estão presentes como mostra a Tabela 2.

Tabela 2: Quantidade de publicações em cada temática identificada no portal CGN

TEMA	QTDE.	PORCENTAGEM
Saúde	59	32,2%
Política	47	25,6%
Educação midiática/Jornalismo	24	13,1%
Educação/Pesquisa	15	8,1%
Judicial	10	5,4%
Tecnologia	9	4,9%
Ciência	9	4,9%
Meio Ambiente	4	2,1%
Cultura/Arte	3	1,6%
Economia	2	1%
Religião	1	0,54%

Fonte: Elaboração própria para fins da pesquisa

Com relação aos artigos, são reproduções de textos de pesquisadores e especialistas sobre determinado tema, ou seja, não são redigidos para serem publicados especificamente

no Campo Grande News. São disponibilizados na rede em outros sites de informação, e o jornal seleciona-os e escolhe republicá-los.

Nesses textos, há uma prevalência das temáticas sobre saúde, comunicação, educação midiática, ciência, política e tecnologia (plataformas digitais e inteligência artificial) de forma contextualizada. Os artigos voltados para comunicação abordaram conceitos e discussões envolvendo infodemia, desinformação, *fake news*, plataformas digitais, *deepfakes*, pós-verdade, polarização, sensacionalismo e importância do jornalismo profissional. São conteúdos que se enquadram como “educação midiática”, e buscam elucidar sobre processos midiáticos, digitais e informacionais da atualidade. Utilizam de dados e informações científicas para argumentação, são críticos e reflexivos.

Há também colunas que apresentam tanto questões mais amplas de âmbito nacional como questões locais do estado de MS. E em menor número, enquetes produzidas pelo jornal (coleta a resposta da audiência sobre determinado assunto e depois publicação do resultado da pesquisa para o público local).

É possível perceber as características do jornalismo interiorano nas matérias do jornal, com amplo uso de fontes locais como profissionais, pesquisadores e cidadãos que estejam envolvidos e sejam relevantes, a fim de desmistificar questões desinformativas, evidenciando os danos reais e práticos da desinformação na sociedade. Das 92 notícias, 62 utilizaram uma fonte ou mais, 23 utilizam apenas declarações de fontes, e 7 não utilizam nenhum tipo de fonte.

Enfrentamento - O CGN exerce o jornalismo de proximidade ao apurar acontecimentos locais envolvendo a desinformação, inclusive com apuração de boatos e conteúdos falsos locais de maneira contextualizada.

Outra ação que conforme relatório da Unesco (2020) caracteriza-se como forma de contraposição à desinformação, são as reproduções de artigos de cunho científico, em especial os de educação midiática. Isso porque os temas abordados são de extrema relevância no momento atual, pois visam orientar a população sobre determinados assuntos e procedimentos do campo comunicacional, midiático e digital que muitas vezes ficam restritos aos grupos de pesquisa e ambientes acadêmicos.

São textos mais extensos que as notícias, e desenvolvem parágrafos de argumentação mais elaborados envolvendo as discussões que cerceiam o termo desinformação. Todos apresentam cunho científico, abordagens críticas e tom reflexivo, tem objetivo de conscientizar e orientar os leitores frente a determinado assunto. Estruturados de forma semelhante, os artigos contêm introdução, delimitação de contexto e dados de pesquisas que desenvolvem as discussões atravessadas pelo fenômeno da desinformação contemporânea, apontada como questão problemática e complexa, perigosa, que causa prejuízos à sociedade. Apesar de os artigos apresentarem argumentações pautadas na ciência, tem uso de linguagem mais próxima do coloquial (tentativa de aproximação com o leitor). Esse padrão se repete nos quatro anos de análise.

Contextos de utilização do termo desinformação pelo Campo Grande News

As análises do Campo Grande News permitem apresentar uma perspectiva de como o termo desinformação aparece nos itens jornalísticos a partir do agrupamento das matérias em categorias de contexto como mostra a Tabela 3.

Tabela 3: Contexto de utilização do termo “desinformação” pelo Campo Grande News.

Categorias de contexto	Quantidade
Problema	66
Enfrentamento	40
Divulgação	29
Consequências	22
Governo	9
Jornalismo	7
Erro de conceito	7
Ausência de argumentação	3

Fonte: Elaboração própria para fins da pesquisa

A categoria com a maior concentração de itens jornalísticos é ‘Problema’ (66), o que reflete os abruptos efeitos negativos que o fenômeno causa na sociedade, perpassando diversas situações (saúde, política e polarização, ciência, educação, redes sociais, inteligência artificial e meio ambiente). Os itens desta categoria abordam a desinformação como causa

ou justificativa para determinado problema, e também como barreira ou obstáculo. Por exemplo, a matéria “Guardas fiscalizam o dobro de estabelecimentos comerciais no domingo” (27/04/2020) coloca a desinformação como um dos motivos para que a população campo-grandense descumpra as regras da quarentena. Outro exemplo é a notícia “Pedagogo é o 1º surdo de MS a conquistar doutorado” (11/07/2020), que retrata a desinformação como uma barreira no percurso dessa conquista.

Outros dois exemplos, referente à vacinação, são as notícias “Cobertura vacinal é a menor registrada desde 1996” (26/11/2022) e “Tabu, desinformação causa baixa adesão da vacina contra HPV” (25/04/2023), que indicam a desinformação como uma das causas de tais situações. Ainda no campo da saúde pública há outro exemplo relevante, a matéria “Número de crianças que dão à luz em MS supera ao de pedidos para aborto legal” (11/11/2020) que relaciona tal número com a desinformação, conservadorismo e machismo presente no estado de MS.

Na sequência, a categoria de ‘Enfrentamento à desinformação’ (40), demonstra a tentativa do portal CGN de contribuir para o enfrentamento à desinformação. Em especial estão nessa categoria os artigos de educação midiática. Toma-se alguns exemplos de abordagens e temas: 1) conceitos e discussões sobre desinformação e a urgência de enfrentá-la (“Consciência coletiva em rede para combater a desinformação” 14/09/2023); 2) *fake news* e pós-verdade (“O poder da desinformação: Fake News, desonestidade intelectual e pós-verdade” 30/04/2020); 3) desintermediação e comunicação pelas plataformas digitais, explicação do conceito de infodemia e os efeitos do excesso de desinformação durante uma pandemia (“Pandemia e infodemia: crises e desafios para o diálogo entre ciência e sociedade” 16/01/2022); 4) desdobramentos sobre grupos organizados que disseminam desinformação de forma estruturada e possibilidades de regulação midiática (“Notícias falsas, grupos organizados e regulação” 24/06/2020); 5) processos e produtos midiáticos brasileiros (“Os “media” e a política brasileira” 09/01/2021); 6) reflexões sobre desinformação e democracia; checagem de fatos; regulamentação da mídia e inteligência artificial e o problema das *deepfakes* (“O poder da inteligência artificial no cruzamento entre ChatGPT e *deepfakes*” 01/08/2023); 7) exercício do pensamento crítico; e liberdade de expressão (“Fake news e liberdade de expressão” 28/11/2023)

Na terceira posição a categoria ‘Divulgação’ (29) se desdobra nas matérias que divulgam ferramentas, propostas, projetos e ações de enfrentamento à desinformação de âmbito local e nacional. Como exemplos, tem-se as matérias “No rastro das palavras, algoritmos da UFMS começam a identificar *fake news*” (13/01/2020), e a matéria que divulga “Lei municipal institui e Campo Grande terá mês de combate às *“fake news”*” (30/12/2021). Outros temas abordados nesse tópico foram: a atuação de bibliotecárias no enfrentamento à desinformação em MS; uma obra audiovisual produzida por uma sul-mato-grossense que vai abordar transtornos mentais e desinformação; regulação da internet e das plataformas; ataques e ameaças nas escolas; campanhas e acordos envolvendo o enfrentamento à desinformação nas redes sociais; debates e palestras sobre o tema; a criação de aplicativos para conferir informações referentes à eleição; o incentivo e reforço à checagem de fatos; e canais de denúncia.

Em quarto lugar, a categoria ‘Consequência’ (22) reflete itens jornalísticos que indicam movimentos de punição judicial e penal a propagadores de desinformação, e consequências reais de pessoas que acreditaram em desinformações. Observou-se que as consequências abordaram questões políticas, principalmente voltadas às eleições municipais, apresentando atores sociais propagadores de desinformação que tiveram consequências por desinformar. Toma-se o exemplo: “Juiz manda retirar publicação por *“fake news”* na pré-campanha em Costa Rica” (22/09/2020). As consequências também aparecem no campo da saúde (Covid-19), refletido em pessoas que vieram a óbito por negarem a existência do coronavírus em Campo Grande (“Perdi minha melhor amiga porque ela não acreditava na covid” 18/05/2021).

Em menor quantidade, a categoria ‘Governo’ (9) reflete matérias que colocam o governo como propagador de desinformação, ou como vítima da mesma. Um exemplo é a notícia “Na ONU, Bolsonaro defende governo e rebate críticas à gestão ambiental” (22/09/2020), que enquadra o discurso do ex-presidente Bolsonaro culpabilizando indígenas e caboclos pelas queimadas do Pantanal e Amazônia, ao mesmo tempo, coloca o governo como vítima de “campanhas brutais de desinformação”.

Em sexto lugar, ‘Jornalismo’ (7) há um grupo de matérias que compõem a categoria de valorização ou crítica ao jornalismo. Toma-se um exemplo de notícia de valorização: “Presidente da Fenaj defende jornalismo local para temas urgentes” (04/11/2022). E um

exemplo de artigo com crítica construtiva à mídia sensacionalista: “Quantas vidas vale um clique?” (25/10/2020). Também aparecem matérias que se desdobram sobre ética, jornalismo e interesse público em tempos de infodemia; inteligência artificial, com argumentação favorável à importância do jornalismo profissional nesse contexto.

Em penúltimo lugar, a categoria ‘Erro de conceito’ (7) demonstra a vulgarização do conceito, utilizado de forma cotidiana e errônea. Ocorre em notícias que utilizam desinformação como sinônimo de “entendimento errado”, “falta de informação” e “confusão”, ou seja, não se trata de desinformação politicamente motivada para causar dano. Como por exemplo na matéria “Candidato a vereador convoca “vanzeiros” para transporte na Capital” (20/10/2020) que relata uma confusão nas datas programadas para tal evento, e não uma desinformação motivada para prejudicar.

Por fim, ‘Ausência de argumentação’ (3) reflete matérias em que o termo aparece no título, mas no corpo do texto a palavra não é citada novamente (nem há correlação), portanto, embora a notícia tenha um tema relevante, o termo só aparece no título, e não é desenvolvido, nem apontado o problema envolvendo a desinformação, nem de quais conteúdos se trata. Dois exemplos são: o artigo “No fogo cruzado da desinformação, empresas violam leis trabalhistas” (02/04/2020) e a notícia “Ameaçada de morte, mulher cacique fala de medo e desinformação” (09/08/2023).

Palavras que orbitam o termo desinformação

Por fim, foram registradas as palavras que orbitam o termo desinformação durante os quatro anos (2020-2023) no Campo Grande News, que serviu para formação de uma Nuvem de Palavras (Figura 1), indicando que tais palavras remetem à sentimentos de medo, insegurança, caos, preocupação com o problema e consequências, facilidade de propagação e relação com as tecnologias digitais e inteligência artificial, e necessidade de enfrentamento à desinformação e punição aos propagadores.

Figura 1: Nuvem de palavras formada com os termos localizados nos anos de 2020-2023 no Campo Grande News:



Fonte: Nuvem de palavras elaborada no WordArt para as finalidades da pesquisa

Considerações finais

Este artigo analisou como a desinformação é pautada na cobertura midiática do portal on-line de notícias de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Campo Grande News, tema que ganhou visibilidade nos últimos anos, principalmente em acontecimentos na área da saúde pública e da política. As plataformas digitais são canais de circulação de desinformação constante, que preocupam as instituições, visto a capacidade de influência que a configuração expressiva do discurso desinformativo tem de se tornar pragmática, prejudicando o desenvolvimento social com consequências irreversíveis. A mídia local aparece nesse contexto, especificamente pelo trabalho desenvolvido nos quatro anos de análise do Campo Grande News, como responsável por ser um contrafluxo da desinformação, atuando de forma responsável no enfrentamento à desordem informacional.

Foi possível observar que a desinformação é perversa e elástica. Trata-se de um fenômeno social coletivo que com as plataformas digitais, se espalha e penetra facilmente em diversas temáticas causando caos, prejuízos, insegurança, medo e atrapalhando o desenvolvimento social. Outrossim, a análise dos dados indica que a desinformação alcança desde assuntos mundiais e polêmicos como a Covid-19 e as eleições presidenciais no Brasil, ocupando lugar central e complexo nas discussões, até questões e acontecimentos cotidianos e singulares de Campo Grande e do interior de Mato Grosso do Sul.

O Campo Grande News tende a acompanhar as agendas midiáticas de cada ano analisado (pandemia de Covid-19, ataques à vacinação, cobertura das eleições presidenciais, problemas envolvendo as plataformas digitais e eleições, inserção da inteligência artificial no cotidiano), e ao mesmo tempo demonstra que o uso do termo se torna cada vez mais popular e se desloca para situações cotidianas (que não representam o real significado do conceito).

O portal é crítico, desdobrando-se sobre os problemas, consequências da desinformação, e incentivando ações, ferramentas e projetos de enfrentamento de âmbito local. Ademais, publica um volume alto de artigos (73 textos de 183) de cunho científico e educativo, pró-ciência, e educação midiática, contraponto desinformações.

As categorias de contexto demonstram que o fenômeno gera diversos problemas em distintas áreas, mas nesses anos atingiu em especial a saúde, política e educação. As consequências demonstram que a desinformação mata, causa danos que não tem a possibilidade de serem revertidos. E caminha lentamente para ser tratado como crime. Além disso, o termo desinformação passa a integrar de forma gradual o cotidiano, onde seu sentido é distorcido e usado de forma errônea por parte da população.

No geral, observa-se avanço na discussão sobre as formas de contraposição ao fenômeno, e de forma simultânea, o avanço da incorporação do discurso da desinformação por desinformadores e políticos que não se beneficiam com o enfrentamento. Nesse contexto, o jornalismo local, a informação de proximidade e a comunicação transparente são ainda mais fundamentais para a manutenção do regime democrático e do desenvolvimento local. Portanto, faz-se necessário um posicionamento cada vez mais firme e incisivo contra a desinformação - em suas mais diversas formas e possibilidades - com produções qualificadas, contextualizadas e com ações diretas de alfabetização midiática com os cidadãos

Considerando que a pesquisa fez a escolha metodológica de analisar matérias em dois jornais da capital, estado do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil, seus resultados não podem ser generalizados para todas as regiões do país.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (Abraji). **Ataques graves a jornalistas dobraram em 2022**. In: Abraji.org, 29 mar. 2022.

Disponível em <<https://abraji.org.br/noticias/ataques-mais-graves-a-jornalistas-dobraram-em-2022>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Portugal: Edições, v. 70, 1977

BONTCHEVA Kalina; POSETTI, Julie. **Desinfodemia - Decifrar a desinformação sobre a Covid-19**. In: Unesco.org 2020. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por> . Acesso em: 30 jan. 2023.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo. Vestígio Editora, 2019.

DAVID, Weverton Velasco. **Estereótipos e violência em notícias sobre a comunidade LGBTQIA+: Um estudo sobre o Campo Grande News**. Dissertação de mestrado. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5051>>. Acesso em: 20 mai. 2024

DEL BIANCO, Nélia; LIMA, Hélder. Radiojornalismo de proximidade e desinformação no contexto da Pandemia de Covid-19. **Comunicação & Inovação**, v.23, n.51, 2022, p.75, 2022. Disponível em <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/8142>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Relatório 2020**. Brasília, DF. Janeiro de 2021. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2023.

SILVA, M. P. **A forma como enredo: três pressupostos e duas hipóteses sobre a disseminação de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa**. In: XXX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS 2021), 2021, São Paulo (SP). Anais do XXX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS 2021). São Paulo (SP): Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS 2021), 2021.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie. **Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2019. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647>>. Acesso em: 04 fev. 2022.

LOPES, Paula. Mentiras, pegadas e algoritmos: da necessidade de uma educação para os media. **Comunicação Digital: media, práticas e consumos**. Lisboa: NIP-

C@M & UAL, p. 137-156, 2019. Disponível em <<http://hdl.handle.net/11144/3980>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PARISER, Eli. **The filter bubble**: How the new personalized web is changing what we read and how we think. Penguin, 2011.

PERUZZO, Cicilia N. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

PRIOR, Hélder. Mentira e política na era da pós-verdade: fake news, desinformação e factos alternativos. **Comunicação Digital: media, práticas e consumos**, 2019, p. 75-97. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Bruno-Reis11/publication/345506512_Comunicacao_digital_media_praticas_e_consumos/links/605c47d6299bf173676885c7/Comunicacao-digital-media-praticas-e-consumos.pdf#page=75 . Acesso: 30 jan. 2023.

PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). **Atlas da Notícia**. São Paulo: 2017-21. Disponível em <<https://www.atlas.jor.br>>. Acesso em: 26 out. 2023.

REINO, Lucas S. Arraes. **Relacionamento entre o webjornal Campo Grande News e os seus usuários**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Brasília, Universidade de Brasília, 2006.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José C. Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/918>>. Acesso em: 5 jan. 2023.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Houssein. **Information Disorder**. Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe, 2017.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

TAÍS TELLAROLI

Professora Doutora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordena o projeto "Combate à desinformação e fake news: agência de checagem de fatos e produção de jornalismo científico" com recurso da FUNDECT.

E-mail: taistella@hotmail.com

CAMILA ZANIN

Mestre em Comunicação na linha de pesquisa Mídia, Identidade e Regionalidade pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: candradezanin@gmail.com